

*Cristãos, às armas! O clarim vos chama assim,
Pois contra o mal travada a guerra está.
O nosso Deus dará vitória certa ao Seus
E triunfante Cristo reinará.
Avante, crentes, que a vitória
É nossa em Cristo, o Vencedor.
O Capitão já está na glória,
Ele é de todos o Senhor.
Sejamos, pois, fiéis soldados
E, se sofrermos por Jesus,
Seremos cedo recompensados
Por Quem morreu por nós na cruz.*

J. I. F.

CAPÍTULO 1

UMA ANTAGONISTA

Ele estava em pé, no meio de um grupo de rapazes da aldeia, com a loira cabecinha ao sol, que era abrasador, mas o seu cabelo encaracolado parecia bastante espesso para o proteger do calor e, além disso, ele estava por demais entretido para sentir qualquer incômodo.

Ele era um rapazinho franzino e de bonitas feições. Os seus olhinhos azuis, que ora brilhavam de ânimo e ora tomavam um ar pensativo e saudoso, estavam agora inquietos e cintilantes de excitação e todo o seu corpinho tremia de entusiasmo.

Com a cabeça bem erguida e com a língua, mãos e pés, tudo em movimento, parecia ter o seu auditório completamente seguro com a sua palavra, porque todos os rapazinhos escutavam seu discurso com os olhos e as bocas abertos.

Com uma mão segurava um grande botão de metal que figurava, por distinção, no centro do seu pequeno colete e era deste botão que ele falava aos companheiros.

“Meu pai pôs-se à frente e gritou: Vamos, rapazes, vamos salvar a bandeira! Eles deram um Viva! e foram atrás dele. Havia balas, bombas de artilharia e espadas a fazer tudo em pedaços e o inimigo avançava furioso e rangendo os dentes! Meu pai puxou da espada e todos fugiram de diante dele, todos! Ele dava com a espada em cabeças, braços e pernas; o inimigo caía como pássaros diante dele. Chegou à bandeira e, dando um berro,

enterrou a espada no corpo do soldado inimigo que a tinha levado. O soldado caiu no chão. Meu pai agarrou na bandeira e olhou em volta. Estava sozinho! Os outros camaradas tinham fugido. Vocês pensam que ele teve medo? Não! Deu um Viva!, apanhou a espada e abriu caminho entre o inimigo para trazer a bandeira de volta. Todo o caminho ele veio recuando; não era dos que voltam as costas para o inimigo. Continuou sempre gritando Viva! até chegar ao seu grupo e, depois, foi apresentar-se ao coronel. Fez a continência e disse: Capitão morto, meu coronel! Aqui está a bandeira! Depois caiu morto aos pés do coronel, com o sangue a jorrar do peito por cima da farda e por cima deste botão! Aquele é que era um soldado!”

“E seu pai só tinha um botão na farda?”

A voz que disse estas palavras era desconhecida e os rapazinhos voltaram-se e deram com os olhos no olhar curioso de uma mocinha resoluta, que se tinha juntado ao grupo sem eles perceberem.

A roupa à moda de marinheiro, inclusive o chapéu que estava muito bem colocado sobre o seu abundante e solto cabelo preto. Era de rosto redondo, faces rosadas, os seus olhos bem pretos com as sobrancelhas carregadas. Seu olhar estava fixo em Telmo com um ar de desafio ou de escárnio.

Ainda que um pouco atrapalhado, a princípio, Telmo recobrou o ânimo.

“Um botão!”, disse ele com firmeza. “Mandaram a jaqueta à mãe só com um botão, mas se fosse você, (e aqui voltou-se para a intrusa com alguma arrogância) que tivesse estado numa batalha tão sangrenta e tivesse matado tanto homem, teria quebrado e teria perdido todos os botões e nem um teria ficado, como ficou com meu pai”.

Houve aplauso geral a estas palavras por parte de todas as crianças presentes, com exceção da pequena que permanecia invencível.

“Isso que você contou é verdade?”, perguntou ela num tom severo.

“É verdade, sim!”, gritaram todos, indignados.

“Pois eu digo que não acredito nem uma só palavra.

E com os lábios pregados, virou-lhes as costas e foi-se embora, depois de semear ódio e ressentimento naqueles corações varonis.

“Quem é ela?”, perguntou Telmo ao atirar-se cansado e exausto pelo seu discurso à relva para descansar.

Um dos rapazinhos maiores respondeu-lhe:

“Ontem a vi chegar à cidade num carro. Foi à casa do Sola, juntamente com a mãe. Traziam dois fardos, uma mala e uma gaiola com um papagaio. Eu vi tudo, porque vinha atrás do carro e a mulher chamou o Sola de pai. Por isso eu acho que a atrevida deve ser a neta dele”.

Os rapazes tinham principiado uma calorosa discussão sobre o assunto, quando se ouviram cinco horas no relógio da torre próxima. Telmo levantou-se e, cantando sempre, iniciou uma corrida pelos campos até chegar a sua casa.

.oOo.

CAPÍTULO 2

DURO COM DURO NÃO FAZ BOM MURO

Duas crianças decididas, faces coradas e resolutas, se encontraram em frente uma da outra por cima de um ribeiro na prancha que servia de ponte.

Não podiam passar uma pela outra, tal era a estreiteza da ponte, mas nenhuma queria voltar atrás.

Foi assim que Telmo se encontrou outra vez com a sua antagonista. Andando ambos a passar a tarde de sábado entretidos pela beira do ribeiro, dão de repente, cara a cara um com o outro.

“Você deve deixar-me passar primeiro”, disse ela enfaticamente, “porque sou menina”.

“Rapazes nunca recuam. Muito menos o filho de um soldado! Eu não vou voltar as costas ao inimigo; seria uma vergonha para o meu botão se o fizesse”.

“Olha o botão!”, disse ela num tom de completo escárnio.

As faces de Telmo ficaram como um pimentão, mas não disse nada.

“Eu cheguei aqui primeiro”, continuou ela.

“E eu passo por aqui há mais tempo do que você? E, afinal de contas, quem é você? Ninguém a conhece aqui”.

“Chamo-me Nina da Rocha, fique sabendo.

Uma princesa não teria revelado o seu nome com maior altivez. Depois de uma pausa, ela acrescentou:

“E olhe que hei de passar por aqui antes do que você”.

“Não vai, não! Daqui é que eu não saio”.

“Se não sair, joga-o ao rio”.

“Então, tente”.

Houve um silêncio; ambas as crianças se olharam arrogantemente, ainda que pouco desconfiadas, como que medindo mutuamente suas forças.

“Os rapazes sempre devem dar a preferência às meninas”, disse Nina, num tom suplicante. “Você não tem educação!”

“Nem você tem educação! Além disso, você usa um boné de menino e uma roupa de menino”.

“Eu sou filha de um marinheiro e todas as pessoas o podem ver no meu vestido. Você diz que é filho de um soldado e por que não anda também vestido de soldado?”

Telmo estava vendo que estava perdendo terreno e ia ficando mal. Começou a dedilhar altivamente no seu botão.

“Eu trago uma coisa que já esteve numa batalha sangrenta e você não traz nada disto. Os marinheiros não prestam para nada na guerra”.

“Eles servem tanto quanto os soldados e, quanto ao seu botão enferrujado, o que parece é que você o achou em algum monte de esterco!”

“Se você não fosse uma menina, levava já uma surra!”, vociferou Telmo, mordendo-se de raiva.

“Puf! Você não tem a metade da força que eu tenho”.

“Uma menina ter força! Você tem é papo!”

O tom de escárnio com que Telmo disse estas palavras foi demais para a paciência de Nina. Cheia de raiva atirou-se por cima de Telmo, houve uma bulha e o resultado foi o que se podia esperar: um grande baque, um grito de Nina e ambos aparecem embaixo na água.

Felizmente, o ribeiro não era fundo e, depois de estrebucharem por alguns instantes, estavam outra vez em terra, escarmentados pelo mergulho. Telmo começou a rir, um pouco envergonhado, mas à Nina vieram-lhe as lágrimas nos olhos.

“Eu vou dizer a minha mãe que você queria me afogar”.

“Se você é filha de marinheiro, não deve ter medo de água. Os marinheiros são como os peixes, que andam sempre no mar”.

“Mas não andam no fundo do mar!”

“Está certo, mas andam no mar. E está chorando! Já vejo que as filhas dos marinheiros são moles. Se você fosse filha de um soldado não chorava”.

“Os marinheiros ainda são mais valentes do que os soldados”, disse Nina, segurando depressa as lágrimas, “e quando andam na guerra correm mais perigo do que os soldados. O meu pai disse que os soldados não estão sujeitos a serem engolidos pela terra, depois de conseguirem a vitória, como os marinheiros estão sujeitos a serem engolidos pelo mar. Às vezes, depois de terem vencido o inimigo, o navio começa a afundar e eles dão três Vivas à Pátria e põem-se no convés, de braços cruzados, e vão indo, indo, indo para o fundo do mar e não dão nem um grito”.

.oOo.

CAPÍTULO 3

PRIMEIRO O ALISTAMENTO

Era domingo de manhã. Ao longo de um atalho perfumado com o aroma das laranjeiras e das madressilvas, que cresciam em profusão de cada lado, caminhava a mãe de Telmo, segurando-o com sua mão junto a si. Os sinos da igreja da aldeia tinham tocado, chamando ao culto e as pessoas iam entrando pela velha porta.

A senhora Joana, mãe de Telmo, com a sua voz doce e clara, estava conversando com o pequeno e ele, com seus olhos muito vivos e sempre em movimento, dando conta dos pássaros que pousavam nos silvados e de qualquer flor que encontrava na estrada, olhava depois atentamente para o rosto da mãe com ar de sonhador, e dizia-lhe:

“A senhora verá, mamãe, como hei de ficar bem quieto. Hei de pôr as mãos nos bolsos e os pés bem juntinhos. Vou fazer de conta que estou sozinho diante de um batalhão de soldados que vão me fuzilar e verá como não parece que tenha bichos carpinteiros. Prometo ser bem comportado”.

Com esta promessa, a senhora Joana entrou mais descansada na igreja.

Quando Telmo se empoleirou no banco, ao lado de sua mãe, começou a falar sozinho: "Vinte soldados diante de mim; vinte espingardas carregadas apontadas para o meu peito. Vou permanecer firme como uma rocha. Vou pregar os dentes e não vou pestanejar. Lá vem o capitão. Vai dizer: Sentido! Não mexam os lábios! Antes de mais cinco minutos vão me..."

O seu ativo cérebro recebeu naquele momento um choque. Do outro lado, a olhar de frente para ele, estava Nina, entre a mãe e o avô. Ainda estava vestida à marujo. Como não tirasse os olhos de Telmo, este não pode suportar quieto por mais tempo o seu olhar. Suas mãozinhas cheias de nervos eram um sarilho dentro dos bolsos. Por que ela estaria enfrentando-o com seu olhar? Bem, ele podia fazer o mesmo... e o fez. Então, os olhinhos azuis dela e os olhinhos escuros dele fitaram-se mutuamente, com um ar de desafio. Por fim, a paciência de Telmo esgotou-se, subiu no banco e, contorcendo suas feições, fez-lhe a mais grotesca careta que pode, acompanhada de uma figa.

No mesmo instante, ela deitou para fora a sua linguinha vermelha, audácia que ele não pode reprimir, e disse bem alto:

“Odeio você. E deixa estar!...”

Os olhos de todas as pessoas que estavam nos bancos próximos se viraram para ele e especialmente os olhos de sua mãe, o que o fez ficar vermelho até à raiz dos cabelos. Até o fim do culto, serviu-lhe de escudo contra a sua antagonista um livro de hinos, que colocou diante dos olhos para não a ver.

Quando a congregação estava dispersando-se, o pregador, que era um ancião de maneiras muito afáveis, dirigiu-se com estas palavras à mãe de Telmo:

“Que será que aconteceu com seu filho para ele se portar tão mal hoje na reunião?”

“Na verdade, não sei. Eu contava que ele hoje criasse juízo”.

“Se me der licença, ele jantará comigo nesta noite. Quero ter uma conversa com ele”.

Às quatro e meia, Telmo estava no portal da elegante casa do pregador, diante de uma bonita porta com vidros coloridos, por onde passou para o jardim que havia na parte traseira. Ali foi recebido pelo dono da casa, que o levou para uma sala.

O sr. Ricardo, que assim se chamava aquele senhor, sempre com um sorriso nos lábios, foi conversando com a criança e, quando viu que já não estava acanhado, pôs uma Bíblia em suas mãos e disse-lhe:

“Quero que me leia um versículo na Primeira Epístola de João, no terceiro capítulo e no versículo 15. Pode achar você mesmo?”

“Sim senhor”. E, depois de folhear o livro com alguma importância, leu: “Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino”.

“Basta. Agora medite nestas palavras por cinco minutos e depois me dirá o que pensa a seu respeito”.

O pequeno curvou sua cabeça envergonhado e conservou-se imóvel durante cinco minutos. Depois, disse timidamente:

“Eu nunca haveria de odiar a um irmão. Até que gostaria de ter um. Será o mesmo que odiar uma menina?”

“Certamente. Um irmão quer dizer o nosso próximo e tanto faz ser homem, mulher ou criança”.

“Então eu mereço ser enforcado”.

Havia muito sentimento nas palavras de Telmo. Depois de um curto silêncio, o dono da casa dirigiu-se ao pequeno réu com estas palavras:

“Quero que me conte toda a história e diga-me também a quem você disse aquelas palavras hoje na igreja”.

O senhor Ricardo ouviu com toda a atenção, mas, antes que pudesse fazer qualquer comentário, vieram dizer que o jantar estava na mesa e ele, tomando o pequeno pela mão, dirigiu-se à sala de jantar.

Um modesto, mas bem preparado jantar ocupou a atenção do nosso amiguinho por algum tempo. Ele até se perguntava se todos os traquinas que tinham sido chamados àquela casa tinham sido tão bem tratados como ele o estava sendo.

“Agora”, disse o senhor Ricardo, já perto do fim do jantar, “quero conversar mais com você. O seu pai foi um valente soldado, que morreu para salvar a bandeira. Você quer ser como ele, não é verdade?”

“Sim, senhor. É o que mais desejo”.

“Hoje vou lhe ensinar qual é a bandeira de nosso Deus. A bandeira de Deus, o Seu estandarte, é o *Amor*”.

Telmo escutou com atenção. Depois disse:

“Deus vai querer que eu defenda a Sua bandeira?”

“Se você já se alistou no Seu serviço, Ele quer. Você já é um soldado de Deus?”

“Não sei”.

“Deus quer que cada um de nós se apresente a Ele, se queremos alistar-nos no Seu exército. Já fez isto? Há uma época na vida em que cada um deve entregar-se de verdade Àquele que é o nosso Pai e o nosso Criador, para fazer a Sua vontade. Você já sabe que o Senhor Jesus morreu na cruz para o salvar?”

“Já, sim, senhor. Já creio nisso, porque a minha mãe me tem explicado”.

“Então, por que é que ainda não é soldado de Jesus? Estará você nas fileiras do inimigo?”

Telmo tinha as mãos cerradas e os seus olhos brilhavam, indicando uma firme resolução.

“Vou me alistar já. Daqui em diante, eu quero ser um soldado do Senhor”.

“Como vai fazer?”

“Eu não sei. Faça-me o favor de me dizer”.

“Você mesmo é que deve dizê-lo a Deus. Ajoelhe-se em qualquer lugar, porque Deus está em todo lugar e, antes de tudo, peça que o Espírito Santo o guie e que seus pecados sejam perdoados para que o seu nome seja inscrito no Livro da Vida, no céu. Tudo o que você pedir poderá alcançar, se pedir em Nome de Jesus, que morreu por você. Depois, diga a Deus que o aliste e que lhe dê direito a servi-LO agora e por toda a eternidade”.

Telmo ouviu tudo muito calado. Em seguida, com a fronte enrugada, mostrando viva ansiedade, perguntou:

“Sim, eu quero ser um soldado de Deus, mas com quem é que hei de batalhar? É com inimigos verdadeiros ou só fingir?”

“Depois de você se alistar, eu lhe mostrarei os inimigos com quem deverá combater. E mostrarei um que é o seu maior inimigo”.

“Agora”, continuou o senhor Ricardo, “já é hora de voltar para casa. Mas, antes de sair, quero fazer uma oração com você. Ajoelhem- nos”.

O sol poente, coado pelos reposteiros da janela, batia nas cãs do pregador e no loiro cabelo do pequeno, quando estavam de joelhos, banhando-os de glória. Com os olhos fechados e de mãos erguidas, o ministro orou assim:

“Pai de amor, entrego em Tuas divinas mãos mais um cordeirinho. Guia-o na sua decisão e, se ele entrar no Teu aprisco, serve-Te dele e abençoa-o por toda a eternidade. Concede-lhe que possa pelejar uma boa peleja e alcance a coroa da glória e a vida eterna, por amor de Jesus Cristo. Amém”.

.oOo.

CAPÍTULO 4

NO SERVIÇO ATIVO

“Que é do Telmo? Telmo! Onde está o Telmo?” Era assim que os pequenos indagavam na tarde seguinte, ao saírem da escola, mas Telmo não aparecia.

“Será que ficou de castigo?”, perguntou um.

“Talvez. Hoje ele estava muito apático”.

“Andava, andava”, confirmou outro. “Não soube a lição de aritmética e disse que cinco soldados faziam um tostão. O mestre zangou-se e perguntou-lhe se a cabeça dele não servia senão para pensar em soldados, então mandou-o para o fundo da classe. Eu lhe perguntei se tinha acontecido alguma coisa ao seu botão para estar assim tão distraído e ele me disse que não, que estava pensando como se havia de alistar”.

“Ele há de ir para tambor quando tiver a idade. E eu também”, disse um outro.

Telmo não tinha ficado de castigo. Tinha fugido dos outros para estar sozinho. Com os pés muito ligeiros, dizia de si para si:

"Vou para o meio do arvoredado, ponho-me junto a uma árvore grande e ninguém há de ver-me, nem sequer um coelho. Ficarei muito quieto e farei de conta que estou na igreja. Não voltarei sem me alistar".

Depois de entrar no meio do arvoredado e de contemplar por algum tempo, através das folhas dos carvalhos, o céu azul e sereno da tarde, Telmo descobriu-se, caiu de joelhos junto a um velho tronco e, erguendo as mãos e curvando a loira cabecinha até a encostar na árvore, começou a orar alto, devagar e com frequentes pausas:

"Oh! Senhor Deus! Aqui estou. Tens estado à minha espera? Eu venho alistar-me, Senhor! Já me esqueci do que o senhor Ricardo me ensinou a dizer, mas peço-Te que me perdoes os meus pecados por amor de Jesus e que escrevas o meu nome no Livro da Vida, no céu. O meu nome é Telmo Joaquim Prata. Eu quero ser Teu soldado para todo o sempre. Guarda-me, sim, Senhor? Não quero nunca voltar para trás. Ajuda-me a pelejar uma grande peleja e concede-me que sustente bem o Teu pendão. Peço-Te Senhor, que digas a meu pai que eu me alistei esta tarde. O senhor Ricardo disse-me que tomarias conta de mim. Dou-Te graças por Jesus ter morrido por mim e tenho pena de não me ter alistado mais cedo no Teu exército, mas eu não sabia que Jesus me queria. Ajuda-me a ser um bom rapaz, por amor de Jesus. Amém".

Era uma oração de criança, mas foi dita com muita fé e, quando Telmo se pôs em pé, ele tinha certeza de que Deus o tinha aceito. Depois de ter tomado seu lanche, foi ter com a mãe e pediu-lhe que o deixasse ir à casa do Sr. Ricardo.

"Para que, meu filho?"

"Ele me disse que fosse lá. Será muito tarde? Eu gostaria de ir ainda hoje".

A senhora Joana, ao ver a ansiedade do pequeno, disse-lhe:

"Então vá, mas não se demore".

Num momento, Telmo apareceu pela segunda vez na casa do ministro.

"Está pronto, senhor!, exclamou o pequeno, muito esbaforido ao ver o senhor Ricardo.

"Ah! É você, Telmo. Já se alistou? Graças a Deus! Agora você é um recruta".

"Alistei-me esta tarde, explicava Telmo com os olhos radiantes.

"Por toda a vida, não foi? No serviço de Deus não há menor prazo de serviço ativo".

O senhor Ricardo tinha sido capelão no exército e eram de seu conhecimento os termos militares que tanto cativavam o pequeno.

"Sim, senhor, por toda a vida, no serviço ativo".

"Queira Deus que você seja sempre fiel, até a morte!"

Houve uma pausa e, depois, Telmo disse com vivacidade:

“O senhor prometeu que me diria quem era um dos inimigos com quem tenho de lutar”.

“Prometi? Qual seria, você lembra?”

“O meu maior inimigo”.

“Ah! Já me lembro. Venha comigo”.

O senhor Ricardo, que até então estava no jardim, levou a criança a sua sala de visitas, mandou-o pôr-se diante de um grande espelho e ver ali o seu maior inimigo.

“Mas sou eu mesmo!”, exclamou Telmo muito admirado.

“Pois é isso mesmo. O pequeno Telmo é o seu maior inimigo e, quanto mais você viver, mais verá como esse inimigo é terrível”.

“Não entendo, senhor”.

“Sente-se aqui, ao meu lado. Vou explicar-lhe tudo. Se quiser servir ao Senhor Jesus, verá que existem em você dois Telmos: um bom e outro mau. O mau é o seu inimigo. Você me contou que andava de mal com aquela menina. Ainda está de mal com ela?”

“Já esqueci de tudo. Mas... mas não gosto dela”.

“O mau Telmo é que não gosta dela, mas o bom Telmo há de amá-la. Você deve combater contra o mau Telmo e vencê-lo. Jesus o ajudará; sem Ele não pode fazer nada”.

“Já percebo”, disse Telmo pensativo. “Na semana passada, alguns rapazes me disseram: "Vamos pegar laranjas na chácara do senhor Visconde". Eu queria ir porque gosto de laranjas. Era o mau Telmo que queria. Mas achei que aquilo era roubar e não fui. Foi o bom Telmo que não quis. Não foi?”

“É assim mesmo. Olhe, guie-se sempre pelo Capitão, que é Cristo. O nosso Oficial é que nos ensina o serviço militar. Lembre-se disso: Nunca deixe o inimigo vencer”.

.oOo.

CAPÍTULO 5

PRIMEIRAS VITÓRIAS

No dia seguinte ao jantar, porque era geralmente à mesa que Telmo fazia as suas observações, ele olhou em volta com ar suplicante e disse:

“Qual é o nome mais feio que se pode dar a um rapaz?”

“A quem é que você quer batizar, Telmo?”, perguntou-lhe a avó.

“Não é para um menino; é para uma rapaz da minha idade”.

“Todos os nomes são bonitos” acrescentou a mãe. “Se a gente gosta de uma pessoa, o nome parece bonito. Eu conheci dois rapazes chamados Tobias e Eli. No princípio, eu não gostava de seus nomes, mas depois gostei muito dos pequenos e passei a gostar dos nomes”.

“Eu quero um nome muito mais feio”, explicou Telmo. “Um nome que represente uma pessoa muito má”.

“Mas olhe que não se deve chamar de nomes feios a ninguém”, observou com suspeita a avó.

Telmo ergueu para ela os seus olhos azúis e disse com solenidade:

“Se eu quero um nome feio é para mim mesmo”.

Depois do jantar, como era dia feriado, Telmo saiu para os campos. Quando já ninguém o via, começou a falar sozinho, como era seu costume. Dizia: “Negro serve, ou Saopo, ou até Mafarrico. O que eu quero é um nome, senão eu não posso falar para o meu inimigo. Se não acertar com um, perguntarei ao pregador. Agora vou procurar Nina. Tenho que fazer as pazes com ela. Agora a minha bandeira é amor para todos. Ela é má... Alto! É o meu inimigo que quer falar. Fora! Nina não é má, é muito boa..., pelo menos será. Farei de conta que ela é muito boa. Hei de vencer você, meu inimigo, quando você disser aquelas coisas.

O monólogo de Teimo terminou quando ele avistou Nina, trepando num salgueiro. Ele deu um assobio, que fez com que ela dissesse, de maneira que ele ouviu:

“Lá vem o maldito rapaz do botão! Subir na árvore como eu é que você não pode, continuou ela, vendo-o mais próximo. “Foi meu pai que me ensinou e eu posso subir às velas de um navio como qualquer marinheiro. Esta árvore é o meu navio e se quiser subir aqui terá de comportar-se bem”.

Telmo, em mangas de camisa, subiu à árvore para junto dela e, por alguns momentos, permaneceram em silêncio. Telmo estava pensando qual seria a melhor maneira de fazerem as pazes.

“Estamos agora mais perto do céu”, começou ele. “Os anjos não gostam de ver brigas”.

“Eu também não gosto de brigas”.

Telmo, vendo a conversa bem orientada, tirou do bolso um grande lenço branco, atou-o cuidadosamente na ponta de uma vara que cortou do salgueiro e mostrou-o a ela.

“Fui eu que o pintei”, disse ele com orgulho, chamando a atenção dela para uma palavra que estava escrita no lenço.

“Dá para você ler?”

“Amor?”, leu ela. “O que quer dizer?”

“É a bandeira que eu tenho de defender pelo meu Capitão. Quer dizer que tenho de ser amigo de todos e até de você”.

“Eu não preciso que você seja meu amigo”, objetou Nina, prontamente.

“Ainda que você não queira, tenho de ser seu amigo. Nunca mais hei de zangar-me com você. Custa-me, mas tenho de dizer-lhe que estou muito arrependido de não ter deixado você passar primeiro, quando a encontrei atravessando o ribeiro”.

Os olhinhos de Nina voltaram-se para o seu companheiro e perguntou:

“Você está realmente arrependido?”

“Pense que estou. Pelo menos, parte de mim está. O meu inimigo não está, mas eu estou”.

“E eu também tenho de ser sua amiga?”

“Seria melhor!”

“E você me dará esse botão velho que você tem?”

Telmo quase se exaltou ao ouvir esta audácia.

“Dar-lhe o botão de meu pai?”, bradou ele. “Nunca! Nunca! Nunca! Antes queria que me matassem, ou que me afogassem, ou que me enforcassem, ou que me fizessem em pedaços! O botão nunca sairá do meu poder! Há de ir comigo à cova. Deus me livre de perder o meu botão”.

O tom de Telmo era tão trágico, tão veemente, que Nina ouviu tudo muito calada. Depois de mais alguma conversa entre os dois, Nina perguntou:

“Quem mandou você vir fazer as pazes comigo? Você falou de seu capitão. Quem é ele?”

“É o Senhor Jesus Cristo”, respondeu Telmo reverentemente. “A Sua bandeira é o Amor e eu tenho de amar a todos, quer goste deles, quer não”.

“Por quê?”

“Porque Ele assim o manda e agora eu sou Seu soldado”.

“Jesus também tem marinheiros?”

“Não, só tem soldados”, respondeu Telmo, com um ar de superioridade.

Nina ia zangando-se com esta exclusão. Tlmo consolou-a, dizendo que nunca tinha lido na Bíblia nada a respeito de marinheiros, mas que havia de perguntar a sua mãe.

“Já está na hora de ir para casa”, disse Telmo. “Adeus. Agora somos amigos, não somos?”

“Somos, sim”, confirmou ela. “Adeus”.

Telmo, sempre preocupado com a ideia de arranjar um nome para o seu inimigo, foi para sua casa naquela tarde, mas ia resolvido a pedir um

nome ao senhor Ricardo, na primeira vez que o visse. Logo no dia seguinte, Telmo o encontrou e lhe disse:

“Pode fazer o favor de me dar um nome para o meu inimigo?”

“Você já teve alguma batalha com ele?”, perguntou o senhor Ricardo.

“A primeira foi ontem. Já fiz as pazes com Nina. Agora queria que me desse um nome muito feio para eu chamar ao meu inimigo”.

“Já lhe mostrei que o nome pelo qual o deve chamar é Telmo”.

“Esse é o meu! É para o bom Telmo”.

“Então chame-o **Ego-ipse** que, em latim, quer dizer *Eu mesmo*”.

“Que nome tão engraçado! Muito obrigado. Acho que serve. Vou chamar sempre o meu inimigo de Ego-ipse”.

Não muito depois da conversa com o ministro, Telmo estava brincando pelos campos com alguns companheiros. Era sábado de tarde e o jogo que mais os entretinha era o que eles chamavam o jogo da guerra, inventado por Telmo. Tinham-se unido ao grupo algumas meninas das mais arrojadas, entre as quais estava Nina. Afinal, Telmo disse que ia fazer de espião e, ouvindo de Nina que ela queria ir também, separaram-se os dois dos demais e lá partiram até às margens do ribeiro.

“O que vamos fazer?”, perguntou Nina.

“Este jogo é que é bonito! Olhe, a gente faz de conta que cada pessoa que se encontra é um inimigo. Temos de passar por ela sem sermos vistos. Abaixamo-nos até o chão ou subimos a uma árvore ou escondemo-nos atrás das árvores. Que pândega!”

“E se não se vê ninguém?”

“Veremos, sim. Vem muita gente pescar aqui no rio. Você verá. Agora não se fala mais alto e vamos andar na ponta dos pés. Devemos fazer de conta que a primeira pessoa que nos enxergar nos matará logo”.

“Mas eles não nos matam!”

“Não. É só de faz de conta”.

Andaram alguns passos e, de repente, deram com os olhos num pescador. Era um rapaz muito gordo que estava ali para se entreter, porque tinha ao lado os restos de uma boa merenda. Estava sentado à sombra de uma árvore. Tinha a vara de pescar na mão, mas a linha estava fora da água. Aproximaram-se e viram que tinha a cabeça encostada à árvore, a boca muito aberta e estava dormindo.

“Pshiu!”, disse Teimo, muito baixinho, com o dedo indicador da mão direita sobre o nariz.

“Se ele acorda estamos perdidos. Vamos passar na ponta dos pés”.

Assim fizeram e não houve novidades, mas, depois de terem passado, Telmo parou e começou a pensar em fazer mal. Voltando-se para Nina, com os olhos a brilhar de entusiasmo, disse-lhe:

“E se nós prendêssemos aquele rapaz à árvore com a linha de pesca?! Ele é nosso inimigo, acho que devemos fazê-lo. Você fique aqui que eu vou sozinho”.

Telmo começou a tarefa e, em breve, o pescador estava preso à árvore com a linha de sua própria vara. Parecia que estava numa rede. Nina quase que morria de rir. Então o pequeno, com ares de travesso, saltava de contente por ter realizado aquela obra.

“Vamos fugir”, disse agora Nina. “Olhe que ele é muito mau. Eu o conheço. Uma vez deu uma pancada num rapaz por ele ter amarrado uma panela velha ao rabo de um porco do pai”.

Fugiram. Antes, porém, de afastarem-se, Telmo perdeu toda a alegria e caminhava com os olhos pregados no chão.

“Que há com você?”, perguntou Nina. “Lhe dói alguma coisa?”

“Parece-me que vou ter uma luta com Ego-ipse”.

Nina olhava sem compreender. Ele continuou:

“Aquilo não é justo. Eu quero, pelo menos o Ego-ipse quer, deixar aquele rapaz ali preso, mas a minha mãe há de brigar comigo e também me parece que o meu Capitão não gosta daquilo. Tenho de voltar atrás e desamarrá-lo”.

“Não vai!”, gritou Nina. “Olhe que, se ele acorda, vai bater em você. Deixe-o lá, que ele poderá desamarrar-se”.

Telmo ergueu a cabeça e voltou para trás, seguido de Nina a uma grande distância. Resolveu soltar o prisioneiro. Estava quase no fim desta operação, quando ele acordou. Desesperado e cheio de raiva, o rapaz pegou Telmo pelo pescoço e fez com ele como os gatos costumam fazer com os ratos. Depois de bem o abanar, tirou do bolso uma corda e prendeu-o à árvore, mas de tal forma que o pequeno nem se podia mexer.

Nina, chorando, chegou perto e pediu-lhe que não judiasse de seu amiguinho. Ele, não querendo ouvir, prendeu-a também e ali ficaram as duas crianças, banhadas em lágrimas, a sofrer as suas faltas.

Depois de algum tempo, disse Nina e Teimo:

“Vê? Eu não lhe dizia que deixasse amarrado aquele brutamontes?”

“Já me passaram as dores. A culpa foi minha e eu já pedi ao meu Capitão que me perdoasse”.

“Ficaremos aqui até a noite?”

“Não. Jesus há de mandar alguém para nos soltar. Tenho pena de você”.

“Telmo, você ainda não me disse se Jesus também aceita marinheiros. Eu queria pertencer ao seu Capitão, mas não queria ser soldado”.

“Eu perguntei a minha mãe e ela me disse que os marinheiros são soldados. Diz que são soldados do mar. Você tem que ser soldado”.

“Eu bem sei que os marinheiros vão à guerra. O meu avô me disse que ainda ontem no porto havia um navio novo chamado Adamastor, para os

marinheiros irem à guerra nele. Eu nunca queria ser soldado. Gosto mais dos marinheiros. E se marinheiros também vão à guerra, eu posso ser um marinheiro de Jesus”.

Este diálogo foi interrompido por passos e por vozes de pessoas que se aproximavam. Era um coronel e sua família, que estavam passeando.

Logo o coronel adivinhou que aquilo era brincadeira de rapazes e começou a rir às soltas. Foi desatando os pequenos e perguntou-lhes como tinham sido amarrados ali. Telmo contou tudo.

“E você, por que não fugiu?”, - perguntou o coronel.

“Eu nunca fujo de ninguém”, disse Telmo com alguma altivez. “Eu sou filho de soldado”.

“Então seu pai é soldado? De que regimento?”

“Ele já morreu. O senhor coronel conhecia meu pai”.

“Ah! Já sei. O seu pai foi o que morreu na guerra para salvar a bandeira. Não foi?”

“Foi, sim, senhor coronel”.

“Pois Deus faça de você um bom rapaz, como ele foi um bom soldado”.

As crianças foram cada uma para sua casa, bastante escaldadas por aquela experiência. Telmo não tardou muito em contar tudo para sua mãe.

“É muito difícil a gente lembrar-se das ordens do Capitão, não é, minha mãe? Eu não sou bom soldado, não é?”

“Para você ser um bom soldado de Jesus, deve lembrar-se do que Ele disse: *“Sem Mim nada podeis fazer”*”.

“Hei de dizer ao Ego-ipse (ele é meu inimigo) que, quando ele me vier tentar outra vez para o mal, chamarei por Jesus”.

“O proveito será todo seu. Evitará apanhar ou sofrer como sofreu hoje”.

“Não, eu não tornarei a fazer mal a ninguém. Nunca mais!”

.oOo.

CAPÍTULO 6

UM JANTAR DE SOLDADOS

“Mãe! Vovó! Temos soldados em nossa aldeia!”

Telmo entrou em casa com esta notícia certa manhã, ao voltar da escola, e o seu rosto denotava a mais viva alegria. A mãe estava estendendo a toalha para o almoço e a vovó ocupava-se em descascar batatas.

“Quem lhe disse?”, perguntou esta última.

“Eu já vi um, um militar vivo, um cabo, com duas divisas na jaqueta e com luvas brancas. Eu mesmo já falei com ele”.

Telmo não pôde comer muito no almoço e, na escola, nunca as lições lhe tinham parecido tão compridas e enfadonhas como naquela tarde. Mal acabou a escola, correu à procura do seu novo amigo, achando-o, por fim, sentado debaixo de um castanheiro no pátio da igreja.

“A minha avó me mandou dizer-lhe para o senhor vir jantar conosco”, disse Telmo quase sem respirar, mal tendo chegado junto ao cabo.

O militar levantou a cabeça. Era ele um rapaz novo, de rosto franco e alegre e estava lendo numa Bíblia muito usada, que colocou no bolso antes de se levantar.

“Vejo que a sua avó é muito bondosa, meu pequeno, e eu aceito o convite com prazer”.

Os olhos vivos de Telmo espiavam a Bíblia.

“Gosta da Bíblia?”, perguntou ele com todo o respeito ao militar.

“É o meu livro de ordem”, respondeu o cabo com um sorriso. “É a minha melhor companhia neste mundo”.

“O que é um livro de ordem?”

“É um livro onde temos as ordens para cada dia, o que se deve fazer e onde se deve ir. O meu Capitão, que está no céu, dá-me as Suas ordens na Sua Palavra”.

“Ele também é meu Capitão”, disse Telmo com olhos radiantes. “Fala de Jesus, não fala? Pois eu já me alistei no Seu exército e agora sou Seu soldado”.

“Então, dá cá um aperto de mãos; somos camaradas!”

Depois de uma pausa, o militar continuou:

“É uma honra que a sua avó me faz, convidando-me para ir jantar em sua casa. Eu estava pensando se se poderia fazer alguma coisa aqui na aldeia quando viessem os meus camaradas, como nos fizeram o ano passado em muitas partes, quando fomos para as manobras de Outono. Davam-nos jantares e eu ficava contente porque isto tirava meus camaradas das tabernas. Há, especialmente, um homem por quem eu me interesse muito. Já é de idade e era um grande bêbado, porém, no dia do Ano Novo assinou um compromisso de temperança, prometendo nunca mais beber bebidas alcoólicas e até agora o tem cumprido e eu tenho esperança de que se converta. Tenho-lhe falado muito, mas se ele ficar em alguma taberna ou lugar semelhante não sei o que ele fará. Quando os soldados chegam cansados, só se lembram de ir beber sem conta e nem medida. É um vício que lhes custa muito para largar”.

A fronte de Teimo estava franzida, indicando grandes pensamentos. “Eu não sabia que havia soldados bêbados. Eu pensava que nunca faziam coisas más”.

O cabo sorriu e disse:

“Poucos pensam assim. A maior parte da gente julga até que são todos uns desgraçados e malvados”.

O que se passou naquela noite em casa de Telmo dificilmente se apagaria da memória do militar. O jardim perfumado, a casinha muito limpa, onde a cozinha era um modelo de asseio, a família de Telmo, composta da mãe, um tio e a vovó, reunida à mesa, e todos fazendo esforços para que o seu hóspede estivesse como em sua casa; as perguntas do pequeno, querendo entrar nas minúcias da vida de um soldado; tudo isto se gravou indelevelmente em seu espírito e despertava-lhe saudades da casa de seus pais, também no campo, porque, em resumo, aquele militar era também um excelente rapaz. O seu estado de satisfação era tal que, ao retirar-se, mal podia expressar o seu agradecimento.

Atendendo às circunstâncias, a mãe de Telmo tinha lhe permitido deitar-se naquela noite mais tarde do que o costume, para poder fazer companhia à mesa com o militar. Com a sua mãozinha apertada na mão tostada do soldado, Telmo fez-lhe esta pergunta:

“Não vá embora sem antes nos dizer o seu nome”.

“Guilherme Sanches”, respondeu o cabo.

“E como se chama aquele soldado que assinou o compromisso de temperança no dia do Ano Novo?”

“Timóteo dos Santos, mas entre nós é conhecido pelo apelido de ‘Fanfarrão’”.

“Não me esquecerei”, disse Telmo. Depois, voltando-se para sua mãe e para a avó, quando já o cabo Guilherme se tinha retirado, disse:

“O ‘Fanfarrão’ também poderá vir aqui em casa? O cabo Guilherme contou-me que ele não se alistou ainda no exército de Jesus e pode ser que se aliste enquanto estiver aqui. Talvez o senhor Ricardo o possa ajudar”.

Quando o pequeno já estava deitado, a avó exprimiu-se assim:

“Não sei o que há de ser daquele pequeno. Parece-me que ele tem mais jeito para pregador do que para soldado. Não gosto muito quando vejo crianças tão religiosas. Não me parece natural”.

“Ele não é só vivo depois que passou a pensar na religião; já o era antes e ainda agora ninguém lhe leva vantagem nas brincadeiras”, disse o tio.

Telmo levantou-se muito cedo na manhã seguinte para ir despedir-se do seu amigo. Teve outra grande conversa com ele, antes de dizer-lhe adeus. Depois, pensativo, foi para a escola com mil planos na mente e fez, por causa disso, muitos erros nas suas lições.

Ao meio dia, quando se viu livre, foi procurar o senhor Ricardo, que o recebeu com a sua costumeira bondade.

“Então? Alguma novidade?”

“Não, senhor. Sou eu que quero falar com o senhor a respeito dos soldados que vêm aí”.

“Já ouvi falar nisto. Vai ser uma festa para você, não é?”

“O senhor Ricardo não poderia dar-lhes um jantar?”

O ancião ajeitou os óculos nos olhos e fixou o rapazinho muito espantado.

“Um jantar, diz você?”

“Sim, senhor. O cabo Guilherme, com quem falei, disse-me que um ministro do Evangelho o ano passado deu jantar a cem soldados e que depois lhes fez um discurso. O cabo disse que aquilo os livrava de irem às tabernas para embriagar-se”.

“Isso é uma grande responsabilidade”, disse o senhor Ricardo. “Mas talvez se possa fazer alguma coisa. Quando é que eles chegam?”

“O cabo disse que estava tratando de sua hospedagem. Foi isto que ele disse e que, dentro de dois ou três dias, estariam aqui”.

“Pode ser, pode ser. Falarei com o coronel para ver o que ele acha”.

“Eu bem sabia que o senhor o faria”, disse Telmo, saltando de contente, “e também pode dizer-lhes como a gente se alista no exército de Jesus, como me disse a mim. À Nina é que eu quero ensinar. Eu já lhe disse, mas ela só quer ser marinheiro de Jesus e não quer ser soldado. Pode ser?”

O ministro sorriu.

“Sim, pode. Os marinheiros também têm de fazer sentinelas, estar alertas, aprender exercício e receber ordens. Também têm capitães como os soldados”.

Telmo, muito satisfeito, foi para casa. Quando lá chegou, a primeira coisa que fez foi dizer à mãe, com um ar de certa importância:

“Eu e o senhor Ricardo vamos dar um jantar aos soldados quando eles vierem”.

.oOo.

CAPÍTULO 7

VIVA O RAPAZ DO BOTÃO!

O jantar que foi realizado quando os soldados chegaram decorreu esplêndido. As mesas adornadas de flores, contrastando com as fardas

enfeitadas, davam um aspecto lindíssimo à já alegre e elegante sala da escola, onde se realizou o jantar. A comida, de gala e abundante, era servida por gentis damas que, de todo o coração, se prestaram a cooperar naquela festa de caridade. De caridade, sim, porque tinha por finalidade evitar que os pobres soldados acabassem nos botecos, além de dar-lhes bons conselhos. Lá para o fim do jantar, algumas senhoras cantaram algumas músicas, que deliciaram os soldados.

“Agora”, disse o coronel na sua voz de velho jovial, “antes do discurso do senhor Ricardo, quero dizer algumas palavras para testemunhar-lhes a minha alegria por ver na minha terra alguns dos meus antigos companheiros. Estou certo que todos ficaram satisfeitos com o jantar, mas talvez não saibam quem foi o principal promotor desta festa. Devem estar mui gratos ao senhor ministro pelo zelo com que preparou tudo e também às senhoras que vieram abrilhantar esta festa com a sua deliciosa música, mas, sobretudo, devem ficar gratos a um pequeno que está aqui e que foi quem primeiro teve a lembrança”.

Com grande surpresa de Telmo, o coronel agarrou nele e levantou-o nos braços, colocando-o em cima de um banco para ser visto por todos.

“Ele mesmo lhes poderá contar tudo”, acrescentou o coronel. “Eu sou um fraco orador. O meu forte era a espada, que agora já me pesa bastante nas mãos. Estou velho e, por isso, vou passar a palavra a ele. Se ele for tão valente quanto o pai, podem estar certos que têm aqui um belo camarada. Agora, pequeno, diga-nos alguma coisa!”

“Vai ficar engasgado!”, disse a mãe de Telmo consigo mesma, mas viu-se desmentida quando a voz do pequeno começou:

“Não fui eu que dei a ideia para a festa, foi o cabo Guilherme. E agora não tenho mais o que dizer. Só se quiserem que conte a história de meu pai. Já a contei hoje, mas não estavam todos presentes. Se dão licença...”

“É claro que damos”, disse o coronel, sorrindo.

Telmo nunca teve perante si um auditório como este, mas não desanimou por isso. Sempre com a mão no seu botão, começou com os seus modos arrebatados. A ideia de glorificar a seu pai o fez esquecer-se de si mesmo e suas palavras, singelas, mas ajuizadas, comoveram o auditório. Estavam todos atentos, alguns comovidos e a mãe do pequeno, de vez em quando, enxugava suas lágrimas.

Depois, foi a vez do senhor Ricardo falar. Sem cansar ninguém, falou aos soldados da batalha que todos devemos dar ao pecado. Expondo alguns dos perigos morais e tentações a que está exposto o soldado; mostrou-lhes como lhes era impossível saírem ilesos e vitoriosos sem o auxílio do Senhor Jesus, que morrerá por eles e que os ampararia e guiaria a uma vitória certa, se se entregassem a Ele, alistando-se no Seu serviço. Não podia ser escutado com maior atenção e a festa não podia ter corrido melhor. No fim, todos os cantaram o hino nacional.

Telmo chamou a mãe para junto de si, naquela noite, quando já estava deitado e disse-lhe:

“Minha mãe, eu quero ser soldado quando for grande. Por enquanto vou sendo um soldado de Jesus”.

No dia seguinte, na hora em que o soldados iam embora, quase toda a aldeia se preparava para dizer-lhes adeus e muito especialmente as crianças, que nunca faltam nestas ocasiões. Telmo e Nina, é claro, lá estavam também.

Quando tudo já estava pronto para a partida, deram muitos vivas aos soldados e um cabo muito alto, que tinha apreciado muito o jantar do dia anterior, chegou-se, por acaso, para Nina e perguntou-lhe, apontando para Telmo, como se chamava o rapaz de cabelos loiros ondulados.

Nina olhou para ele desdenhosamente e respondeu:

“É o rapaz do botão. Eu é que nunca hei de chamá-lo de outro jeito.

O cabo, que não sabia nada do que havia entre os dois, virou-se para os seus camaradas e gritou:

“Viva o rapaz do botão!”

Este viva não poderia ser mais correspondido. Contudo, a Telmo custou muito caro porque daquele dia em diante todas as pessoas o chamavam de *o rapaz do botão*. O apelido ficou bem nele.

O regimento, que ia para as manobras, pôs-se em marcha, no meio de grandes aclamações, e Telmo ficou realmente desapontado quando o sinal da escola o lembrou que não podia acompanhar os soldados.

.oOo.

CAPÍTULO 8

NO CAMPO DE FENO

“Me dá licença para ir ver o Telmo?”

“Parece-me que está no campo de feno. Mas não vá agora lá, brincar com ele. Deixe-o ler o seu livro de domingo”.

Era Nina que, numa bela manhã de domingo, se dirigira à casa de Telmo. Só se encontrava ali a vovó, que apontou com a mão para o campo

onde pensava que estava o neto. Nina descobriu-o dali a alguns minutos, estendido sobre o feno, com um livro aberto perante si.

“Olá! O que você quer?”, perguntou ele.

“Quero falar com você”, disse Nina, sentando-se ao seu lado. “Que está fazendo?”, perguntou ela. “Qual é o livro de domingo?”

“É *O Peregrino* ou *A Viagem do Cristão*. Eu gosto muito dele. E você?”

“Não o conheço. Que tem para me contar?”, pediu Nina.

Telmo, retomando o seu aspecto de sonhador e atirando um olhar saudoso para os belos montes que se avistavam à distância, disse acompanhando a voz com gestos:

“Escute. Deito-me aqui no campo e está tudo muito bom, muito sossegado. Agora ouço um barulhinho atrás de mim, mas não me viro. Depois, parece que vem um relâmpago, mas é um anjo, muito branco, muito bonito. Aqui está, perante mim”.

“Com quem se parece?”, perguntou Nina, a meia voz, com viva ansiedade.

“Está todinho vestido de branco e tem asas que parecem de neve. Tem um sorriso na face e seus olhos são como os da minha mãe; seu cabelo parece com o da Cecília”.

“A minha mãe diz que é loiro”, disse Nina.

“Sim. Agora ele está parado. Pshiu! Ouça o que ele diz: `Telmo, vou levar você para o céu`. Vou-me pôr em pé. Eu só escuto e não digo nada. Ele diz: `Você não tem sido muito bom soldado, mas o Capitão diz que quer você. Venha comigo...` Então eu me enfio entre as suas asas, ponho meus braços ao redor de seu pescoço e ele começa a subir. Vejo a mãe, a vovó, o tio e digo-lhes adeus com a mão. A mãe atira-me um beijo e diz: `Dê muitos beijinhos ao pai` e lá vou eu por cima dos campos e da estrada, até chegar ao cume daquele monte muito alto, além”.

“Posso ir, também? Eu queria ir nas costas do anjo, com você”.

“Você poderá ir depois, com outro anjo. Este anjo eu o quero todinho para mim. Agora chegamos ao cume do monte e o anjo me deixa no chão”.

“E a mim também!”, disse Nina.

“Não me interrompa, senão não vejo nada. Fico lá em pé e vejo muitas nuvenzinhas, umas em cima das outras, como aquelas que se veem por ali, e o anjo diz: `Ponha os seus pezinhos numa e depois em outra; são as escadas do céu`.

Nina, tomando aquelas fantasias como realidades, interrompeu-o, dizendo:

“Mas a gente cai”.

“Não cai, não; é como pôr os pés em algodão em rama. Subo; tenho que ir pelo meu pé porque o anjo só vem atrás para cuidar que eu não caia. Depois diz: `Olhe, veja as portas?` Sim, vejo as portas de ouro, muito

grandes, cobertas de pedras bonitas, como as que usam nos anéis. Subo, subo e depois chego lá”.

“E não há mais ninguém?”

“Há, sim; isto é só o princípio. Eu ainda estou de fora. As portas estão fechadas, mas, quando me veem, dois anjos as abrem bem abertas e eu fico assustado, mas entro. Vejo uma estrada muito comprida e muito larga, igual às portas e eu caminho por ela muito devagar para não escorregar e depois vejo muitos anjos com trombetas e começam a tocar como a banda de um regimento. Continuo andando até uma porta muito, muito grande e lá, em cima de um trono, encontro o meu Capitão”.

Teimo descansou um pouco e continuou:

“Eu não sei bem com quem Ele se parece. Acho que se parece comigo. Tem um rosto muito bonito e muito amável. Ele põe Sua mão na minha cabeça e diz: `Muito bem, Telmo`. Eu pego na mão dEle e começo a chorar”.

De fato, Nina viu com surpresa que Teimo tinha os olhos cheios de lágrimas. O pequeno prosseguiu:

Depois, Ele toma-me nos braços, por eu estar muito cansado, e leva-me para um jardim como você nunca viu na vida, onde meu pai me está esperando.

“Eu também quero ir para o céu”, disse Nina, pensativamente.

Então Teimo, como que descendo à terra, disse-lhe:

“Você já se alistou?”

“Eu não quero ser soldado”, respondeu Nina, prontamente.

“Pois olhe: Nunca poderá ir para o céu se não batalhar pelo nosso Capitão aqui na terra. Ele não deixará você entrar pela porta se não Lhe pertencer. “As moças também podem batalhar, como os rapazes. É claro que podem. Eu posso lutar tanto quanto você, rapaz do botão!”

“Então, porque você não luta com seu inimigo?”

“Que inimigo?”

“O meu chama-se Ipsé. Dá-me o que fazer. Você também tem um inimigo. É aquela coisa que, dentro de você, quer que você faça o que não se deve fazer. Hoje eu já venci por duas vezes o Ipsé”.

“Você vence sempre?”

“Não. Às vezes, deixo-o crescer muito e quando o quero vencer já não posso. A minha mãe me disse que devia pedir auxílio ao meu Capitão. Eu peço-Lhe muito para me ajudar”.

.oOo.

CAPÍTULO 9

PERDIDO!

O nosso pequeno soldado tinha as suas faltas e virtudes, mas, de um modo geral, estava fazendo rápidos progressos e sua mãe alegrava-se por vê-lo cada dia mais ajuizado e pacato. Não era, agora, menos brincalhão ou alegre, pois ainda era o rei nas brincadeiras da aldeia, mas andava aprendendo a dominar as suas propensões para o mal e o modo de refrear suas palavras e ações mal pensadas.

O pai de Nina chegou de uma de suas viagens e Telmo foi convidado um dia para ir jantar na casa dele. Ali ouviu as aventuras daquele homem do mar, tostado pelo sol. Apesar de sua voz áspera e de suas maneiras arrogantes, o pai de Nina amava muito a sua filha e contava-lhe sempre a história de suas viagens.

Depois de o pai de Nina embarcar outra vez e quando os dias iam aproximando-se do Outono, Telmo e Nina foram uma tarde pescar juntos no rio. Pelo menos, essa era a intenção deles, mas quem os visse sentados na ponte de pedra, conversando animadamente com as varas sempre em movimento, não haveria de admirar-se que a pesca não fosse grande. Finalmente, os dois começaram a viagem de volta para casa, mas nesta ocasião Nina chamou a atenção de Telmo para o seu botão.

“Ele vai cair e você o perderá”, disse Nina.

“Eu já disse a minha mãe que estava meio solto. Ela me disse que está sempre pregando-o. Vou terminar de arrancá-lo e guardá-lo no bolso. Nem quero pensar que possa perdê-lo”.

Telmo começou a torcer o botão para ele ficar solto, mas ele saltou-lhe da mão e rolou pelo caminho. Isto foi para Nina uma grande tentação. De um pulo, pegou no botão e o escondeu em sua mão, com ares de quem não o largaria mais.

“Me dá aqui o botão!”, bradou Telmo, extremamente excitado.

Nina semicerrou os olhos, de escárnio.

“Deixe disso, ó rapaz do botão. Apanhei-o, é meu. Vou levá-lo para casa e pregá-lo no meu casaco”.

“Olhe que eu avanço em você se não me entrega já!”, gritou Telmo.

“Não é seu”, disse ela.

“Você é uma ladra se diz isso. Dá aqui!”

“Quer que o atire ao rio?”, perguntou ela em tom brincalhão.

Telmo não respondeu. Saltou por cima dela e... saiu aquela confusão. Ele usou toda a sua força para lhe abrir a mão e ela fez o mesmo para conservá-la fechada. De repente, Telmo deu um grito triunfante, quando os dedos de Nina começavam a ceder, mas ela deu um jeito ao botão e... zás! Lá foi ele para o rio! Nina ainda deu um grito, mas Telmo, sem proferir uma palavra, pulou na água atrás do botão.

Tomou esta atitude sem saber o que fazia. Ele sabia nadar e, por algum tempo, Nina olhou para ele, sem sequer respirar e sem saber que podia acontecer-lhe grande mal. Quando o pequeno veio à tona, parecia muito aflito, gritando:

“Socorro! Estou me afogando!”, e depois desapareceu outra vez.

Nina começou a gritar muito aflita e um carroceiro que, felizmente, passava por ali foi salvar o pequeno que já estava em situação desesperadora. O carroceiro tirou as botas e o casaco e atirou-se à água, no momento em que a cabeça de Telmo aparecia pela terceira e última vez. Trouxe o pequeno para terra, mas este não dava sinais de vida. Nina começou a chorar desesperadamente.

O carroceiro não perdeu tempo. Subiu na carroça e disse à pequena:

“Eu vou a galope ao médico. Você vai avisar a mãe, se sabe quem ela é”.

Nina, com os olhos rasos de água, correndo, foi chamar a mãe de Telmo. Quando chegou a sua casa, quase sem poder falar, apenas disse:

“Ele... foi... ao médico... morto”.

A pobre mãe vestiu um chale e, branca como a cal, com os lábios movendo-se em angustiosa oração, correu para a casa do médico. Levaram-na para a sala onde o médico estava cuidando do pequeno, tentando trazê-lo à vida, mas Telmo parecia mais uma figura de cera do que um ser vivo. Tinha um sorriso nos lábios e os cabelos corridos pela face. Um grande galo que se via na cabeça dava a razão daquela infelicidade. Depois de muito trabalho por parte do médico, as pálpebras do pequeno mexeram-se e a respiração manifestou-se. Havia, pelo menos, esperanças de o salvar.

A mãe, pondo-se de joelhos e levantando as mãos para o céu, exclamou:

“Graças a Deus!”

Por muitos dias, contudo, Telmo balançou entre a vida e a morte.

Uma tarde, quando o sol poente inundava o quarto onde Telmo estava, o doente virou a cabeça no travesseiro e disse:

“Mãe”.

O som daquela palavra, que ele não tinha pronunciado desde aquele terrível dia, foi para a mãe como a mais bela música. Chegando-se para junto dele e descobrindo no olhar mais fixidez, viu que estava melhorando. O doente, muito baixinho, disse:

“Estou cansado! Ponha a mão no meu travesseiro”

A mãe sentou-se e colocou a mão no travesseiro e ele, colocando a cabeça sobre a mão da mãe, caiu num sono reparador.

Passado muito tempo, embora estivesse muito cansada e tivesse o braço adormecido, a mãe ali estava e nem um único músculo movia. O amor de uma mãe!

Telmo foi melhorando, mas a sua aflição era ter perdido o botão.

Nina, tendo compreendido que tinha sido a causadora daquele mal, pediu-lhe perdão e todos os dias ia espreitar no rio para ver se descobria o botão. Pedia aos pescadores para tirarem terra, para ver se aparecia o botão, mas, tudo debalde.

O botão estava perdido!

.oOo.

CAPÍTULO 10

ACHADO!

Era Inverno e Telmo tinha voltado para a escola, já com saúde e alegria, mas, mesmo no meio dos folguedos, a ideia de ter perdido o seu botão era para ele um pesadelo. Todos os dias pedia a Deus que lhe permitisse encontrar o botão. A sua fé em Deus nunca lhe faltou.

Num dia frio, no princípio de dezembro, tinha vindo da escola e estava em casa, vendo com interesse a mãe na lida da cozinha, quando ouviu bater fortemente à porta e aparecer o criado do coronel.

“O meu amo manda dizer para a senhora deixar ir lá em casa o seu filho, porque quer falar com ele”, disse o empregado à mãe de Telmo.

“Para que será?”, disse a mãe, um tanto alarmada com esta intimação, supondo que se tratava de qualquer travessura do filho.

Enquanto Telmo foi vestir, apressadamente, o casaco, o empregado disse qualquer coisa aos ouvidos da mãe, deixando-a sossegada.

Quando Telmo chegou à casa do coronel, foi levado por este para uma sala muito elegante e asseada, onde alguns cavalheiros e algumas senhoras se entretinham em animada palestra, à beira de uma bem acesa lareira que havia na sala.

A esposa do coronel veio receber o pequeno à porta da sala e o coronel, entrando, disse para as outras pessoas:

“Aqui está o nosso futuro soldado, *O Rapaz do Botão*, como o chamam por aí. Todos nos lembramos da história que ele contou diante do regimento que ia para as manobras e muitos de nós sabemos o que lhe aconteceu quando se atirou no rio para apanhar o botão.

“Mas você já se esqueceu de tudo, não é verdade, Telmo? Um botão não é uma coisa que mereça grandes cuidados, especialmente depois de ter causado tantos transtornos”.

A face de Telmo era um dilema. O sangue subira-lhe ao rosto, os olhos brilhavam e ele, com as mãos cerradas, disse, um tanto altivo:

“O senhor coronel acha que eu poderia esquecer o botão de meu pai? Preferiria tornar a vê-lo do que receber a melhor coisa deste mundo! E eu estou certo que ainda o verei!”

“Mas ele está no fundo do rio, não está?”

“Eu não sei onde ele está. Deus é que sabe. Eu tenho-lhe pedidos todos os dias que mo torne a dar. Tenho fé que ainda hei de vê-lo antes do Natal”.

As senhoras que estavam na sala olharam-se umas às outras.

“Os fatos falam mais alto do que as palavras”, citou distraidamente o coronel. “Venha aqui, meu rapaz”, disse ele para Telmo.

O coronel estava sentado com as costas para a lareira, enfiou a mão no bolso, tirou uma caixinha e a pôs nas mãos do garoto.

“Abra esta caixinha e veja se conhece o que está lá dentro”.

O pequeno tirou a tampa e, ao olhar para o conteúdo, exclamou:

“Meu precioso botão! Meu botãozinho! Que lindo ele está!”

O coronel tinha mandado engastá-lo em ouro e pôr uma fita azul, parecendo uma medalha. A esposa do coronel levantou-se e o pôs no peito de Telmo. O coronel depois explicou:

“Agora, meu pequeno, vou contar-lhe como é que o seu botão veio parar às minhas mãos. Há dias fui pescar e trouxe alguns peixes. Quando a cozinheira estava preparando os maiores descobriu o seu botão dentro de um deles. Ela contou-nos o caso, não sabendo o tesouro que tinha descoberto. Nós é que vimos que era o botão que tanto tinha dado que falar”.

Telmo escutou com muita atenção. Depois disse:

“Por isso é que ninguém podia encontrá-lo. É um caso semelhante ao do peixe que trouxe a moeda ao apóstolo Pedro”.

Depois de mais alguns momentos de palestra, Telmo despediu-se e, pela rua afora, foi rapidamente para a sua casa. Naquele dia caiu bastante neve, mas ele não sentiu frio.

A mãe já sabia do que se tratava e estava bem preparada para receber a novidade, mas não esperava ver o botão tão belamente adornado. A vovó e o tio compartilharam também do gozo de Telmo.

“Minha mãe”, disse Teimo alguns dias depois quando esta ia desejar-lhe boa noite antes de ele adormecer, “minha mãe, já estou cansado de batalhar com o Ipsé”.

“Os bons soldados nunca se cansam de batalhar, meu filho, e lembrese de seu Capitão para ajudar você”.

“Mas quando eu for para o céu também terei de pelejar com o Ipsé?”

“Lá não, porque *‘não haverá mais choro, nem mais lágrimas, nem mais gritos nem mais dor, porque as primeiras coisas são passadas`* (Apocalipse 21.4).

Telmo sorriu e depois disse:

“Talvez o meu Capitão me ache tão valente como o meu pai se eu combater o Ipsé até morrer”.

“Há um versículo na Bíblia que diz: *‘Vale mais o homem que domina o seu espírito do que o que toma uma cidade`* (Provérbios 16.32). Sua mãe, filhinho, prefere que você vença a vitória de Deus do que você seja o mais valente soldado de nosso país”.

“Mas eu”, disse Telmo, “hei de conseguir ambas as coisas com o auxílio de Deus. Agora, minha mãe, antes de eu adormecer, dê-me o botão de meu pai para eu o beijar!”

.oOo.